

Saberes ancestrais indígenas do Rio Negro-AM: antídotos para evitar as instabilidades climáticas

por Joscival Vasconcelos REIS *

joscival.reis@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6462886400004422>

A bacia do Rio Negro ocupa uma área total de cerca de 70 milhões de hectares. É a maior bacia de águas pretas do mundo, compartilhada por três países: Brasil, Colômbia e Venezuela. O rio concentra os maiores índices pluviométricos da Amazônia e supre importantes serviços ambientais para a região e para o país. Diante do cenário climático severo, a região do Rio Negro aparece como uma das mais preservadas do Brasil (CABALZAR, 2010, p. 15).

A região apresenta um caleidoscópio pluricultural e plurilíngue. Concentra o maior mosaico de terras indígenas e áreas protegidas da Amazônia. Os 23 povos indígenas que tradicionalmente habitam têm direitos coletivos e governança sobre a maior parte da extensão da bacia. A população indígena é majoritária, chegando a mais de 90%, distribuídos ao longo do Rio Negro.

Os povos indígenas residentes nessa região compartilham características socioculturais e pertencem às famílias linguísticas Tukano Oriental (Tukano, Desana, Pira-tapuyas, Tuyuka, Wanana, Kubeo, Arapaso, Miriti-tapuya, Carapanã, Bará, Barasana, Siriano e Makuna), Arawak (Baniwa, Kuripako, Baré, Werekena e Tariana) e Nadahup (Hupda, Yuhupdeh, Dow e Nadëb) e Yanomami (MAPA-LIVRO, 2006, p. 29-53)). Ocupam mais de 700 comunidades e sítios estabelecidos ao longo dos rios Negro, Uaupés, Tiquié, Papuri, Içana, Aiari, Xié e seus afluentes, perfazendo uma população total de cerca de 30 mil pessoas (CABALZAR, 2010, p. 16).

As sabedorias ancestrais dos povos indígenas do Rio Negro emergem como luz fundamental para a humanidade em meio à crise ambiental global. Elas não devem ser consideradas como saberes

* Indígena Ye'pá Mahsu (Tukano), professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), do Instituto Federal do Amazonas-Campus São Gabriel da Cachoeira (IFAM-CSGC). Licenciado em Letras (Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Especialista em Educação Profissional Integrada à Modalidade de Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA-UFAM) com ênfase em Processos Socioculturais na Amazônia.

saberes do passado, mas saberes presentes e praticados que representam uma forma de ver, conviver e se relacionar com o mundo que questiona e oferece alternativas aos saberes ocidentais, que, segundo os povos indígenas ronegrinos, têm se mostrado insustentáveis.

Por séculos, a humanidade caminhou na direção da ciência ocidental baseada na tecnologia e na razão como conhecimento único, abandonando a conexão com a espiritualidade, com a Mãe Terra e com os demais seres do planeta. Vivemos, atualmente, o problema do “mono”, onde há apenas uma forma de ver e viver o mundo (TERENA, 2022, p. 11).

LEVIS e colaboradores (2024, p. 4) salientam que o diálogo entre o conhecimento científico ocidental e o indígena é essencial para a conservação da Amazônia e para o futuro sustentável do planeta. A integração dos sistemas de conhecimento pode garantir uma ciência mais holística, que entenda a conexão indissociável entre cultura e natureza e que, portanto, reconheça a contribuição dos povos originários para a reabilitação dos ecossistemas.

A visão milenar do mundo indígena reconhece a humanidade como parte integrante da criação, tratando o planeta Terra como um lar sagrado, fonte da vida, cura e conhecimento. Conforme LEVIS e colaboradores (2024, p. 4) “Os humanos são parte integrante dos sistemas ecológicos, e estudos com foco na integração do conhecimento indígena na conservação são excelentes ilustrações disso”.

Essa percepção contrasta com a visão não indígena que, muitas vezes, enxerga o meio ambiente como um recurso a ser explorado ilimitadamente. Para Terena “a raiz do problema não está na crise climática, mas numa crise espiritual com raiz colonizadora” (2022, p. 9). Essa visão enfatiza que o problema não é religioso, mas sim uma crise espiritual entre a subjetividade sagrada do ser humano com os ecossistemas do planeta que habitamos, a Terra.

O problema que estamos vivendo promove o desapego de nossos sentimentos, sensibilidades e a desconexão com os demais seres. Para nós, que conhecemos e mantemos viva essa relação, ver outros povos cegos pelo capitalismo e distanciados da nossa relação enquanto parte de um ecossistema sentimos a responsabilidade com o planeta de fazer como que nossos irmãos (filhos da mãe Terra) possam ver e sentir novamente essa conexão. A relação com a nossa mãe é o que é o que nos faz caminhar para frente e pensar numa perspectiva de futuro que seja saudável, justo e equitativo (TERENA, 2022, p. 11).

Nas cosmologias ronegrinas, a exploração desenfreada é vista como uma ação nociva que resulta no desequilíbrio que provoca a reação da própria natureza, manifestando-se em eventos extremos como enchentes e secas, algo cada vez mais presente na realidade indígena e não indígena.

Há mais de dois mil anos os povos indígenas rionegrinos desenvolveram e aperfeiçoaram técnicas de manejo que garantem a sustentabilidade, permitindo-lhes utilizar os recursos naturais sem comprometer os ecossistemas de seus territórios. Esse manejo sustentável milenar combina saberes tradicionais de vinte e três povos indígenas, saberes coletivos que buscam o equilíbrio entre homem, cultura e meio ambiente. As práticas sustentáveis incluem o uso de conhecimentos ancestrais e práticas sustentáveis, que integram a produção de alimentos, a cultura e a espiritualidade com a conservação dos ecossistemas e biodiversidades do Rio Negro. Esses povos indígenas detêm o conhecimento de manejo da biodiversidade e os locais apropriados para cultivar, coletar, caçar e pescar, formando um conjunto de saberes vivenciados num contexto multiétnico e multilinguístico em que os grupos étnicos compartilham e transmitem saberes, práticas, serviços ambientais e produtos. O manejo sustentável dos povos indígenas rionegrinos é um patrimônio cultural do Brasil, o sistema se baseia no manejo da mandioca e de plantas frutíferas, com a roça como um espaço vital e sagrado (IPHAN, 2022).

Os povos indígenas têm observado e analisado a dinâmica dos ecossistemas; esses conhecimentos ecológicos emergem de suas relações e observações das ações dos outros participantes dos ecossistemas. Por exemplo, quando as mulheres abrem espaços para os seus cultivos na floresta, elas empregam técnicas baseadas em relações com outros participantes do ecossistema, a fim de manter sua diversidade e sustentar sua dinâmica relacional. Esses conhecimentos são organizados, legitimados e refinados pelos próprios especialistas indígenas. Os laboratórios indígenas são atividades diárias e cerimoniais, e conversas onde especialistas transmitem conhecimentos válidos dentro de suas próprias comunidades. Especialistas indígenas também compartilham seus conhecimentos com especialistas de outros grupos étnicos, que são transmitidos durante festivais e cerimônias interculturais ou por meio de casamentos interétnicos, por exemplo. Só recentemente as contribuições indígenas foram reconhecidas e descritas como fundamentais para enfrentar os desafios trazidos pela atual crise climática. Alguns cientistas sociais e ambientais propõem que os conhecimentos indígenas sejam reconhecidos em seus próprios termos, não necessariamente validados pelas ciências da conservação, para serem considerados legítimos. Embora os conhecimentos e práticas indígenas possam não resultar da aplicação de qualquer metodologia científica ocidental específica, eles estão envolvidos na constante elaboração e refinamento de descobertas teóricas e empíricas, que são acessadas e validadas pelos especialistas de cada povo, localmente e regionalmente, ao longo do tempo (LEVIS e colaboradores, 2024, p. 10-11).

Os saberes indígenas rionegrinos podem contribuir para conter as instabilidades climáticas, pois têm foco no equilíbrio ecológico e na valorização da vida. Os povos indígenas e seus saberes podem contribuir para o combate às mudanças climáticas e na construção de um futuro sustentável.

Estudos apontam que os territórios indígenas rionegrinos são as áreas mais preservadas do Rio Negro, funcionando como verdadeiras fortalezas contra o desmatamento e a perda da biodiversidade rionegrina.

Evidências científicas também demonstram que os territórios indígenas conservam pelo menos um terço de todos os ecossistemas terrestres “naturais” restantes, previnem a degradação e o desmatamento e oferecem proteção expandida para espécies de primatas ameaçadas. Esses padrões são um reflexo do fato de que muitos povos indígenas têm uma relação distinta com o território e a natureza em comparação com as sociedades ocidentais. Uma melhor compreensão e colaboração com as ciências indígenas são necessárias para compreender profundamente os princípios dos sistemas de conhecimento indígenas que promovem a sustentabilidade dos ecossistemas e fomentam a coexistência multiespécies (LEVIS e colaboradores, 2024, p. 4-5).

A valorização dos saberes indígenas e suas práticas agrícolas tradicionais são fundamentais para a preservação da biodiversidade do Rio Negro e proporcionar solução aos desafios climáticos local, nacional e global.

É com essa nossa diversidade, sensibilidade e empatia que encontraremos o remédio para curar a Terra do patriarcado, do capitalismo e do egocentrismo humano. Só assim alcançaremos soluções reais. Até chegarmos a esse ponto como humanidade, continuaremos trabalhando para não deixar ninguém para trás. Nem uma pessoa, nem uma árvore, nem um animal e nem uma gota de água. Mesmo que custe nossas vidas, como vem acontecendo desde que nosso povo se conheceu em 1.500 (TERENA, 2022, p. 12).

Os saberes indígenas dos vinte e três povos indígenas do Rio Negro são essenciais para evitar e combater o “fim do mundo”, que se manifesta nas crises climáticas, na devastação ambiental e na perda de valores espirituais e culturais da humanidade. A luta contra esse apocalipse deve ser travada diariamente por meio de práticas que promovam a sustentabilidade dos complexos ecossistemas para manter o equilíbrio entre a humanidade e a natureza. Seus saberes milenares tradicionais, desenvolvidos ao longo de gerações, contribuíram e contribuem diretamente para a mitigação dos problemas climáticos e aumento da resiliência climática.

Na luta contra as crises climáticas apocalípticas é crucial que o mundo também ouça, reconheça e valorize os saberes indígenas rionegrinos. Esses conhecimentos ancestrais, baseados em uma profunda e milenar relação com os ecossistemas e biodiversidade, oferecem alternativas eficazes para aplacar os impactos das mudanças climáticas e promoção de um presente e futuro sustentável para a humanidade e ao planeta Terra.

Referências

CABALZAR, Aloisio (Org.). **Manejo do mundo**: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do Rio Negro, Noroeste amazônico. São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA); São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2010.

IPHAN. Oficina sobre sistema agrícola tradicional do Rio Negro fomenta ações de salvaguarda. <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/oficina-sobre-o-sistema-agricola-tradicional-do-rio-negro-fomenta-acoes-de-salvaguarda>. Acesso em: 20 nov. 2025.

LEVIS, Carolina; RESENDE, Justino Sarmiento; BARRETO, João Paulo Lima; BARRETO, Silvio Sanches; BANIWA, Francly; SATERÉ-MAWÉ, Clarinda; ZUKER, Fábio; ALENCAR, Ane; MUGGE, Miqueias; SIMON DE MORAES, Rodrigo; FUENTES, Augustin; HIROTA, Marina; FAUSTO, Carlos; BIEHL, João. Indigenizando a ciência da conservação para uma Amazônia sustentável: os diálogos entre os sistemas ocidentais e indígenas são cruciais. *Science*, 2024. https://www.science.org/doi/10.1126/science.adn5616_sm.pdf. Acesso em: 24 out. 2025.

MAPA-LIVRO. **Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro**: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira / Aloisio Cabalzar, Carlos Alberto Ricardo editores. – 3. ed. ver. – São Paulo: Instituto Socioambiental (ISA); São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2006.

TERENA, Taily. **Mudanças climáticas e saberes indígenas**: uma perspectiva possível para adiar o fim do mundo. 1 ed. Amazon Conservation Team, Brasil. Brasília, DF: Wanaki, 2022. Disponível em https://www.flipsnack.com/amazonteam/wanaki_revista/full-view.html. Acesso em: 24 out. 2025.



Mudança é recomeço. Por Carlos Pereira, Rio de Janeiro, 2026